

# A MÁQUINA DE CRIAR HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA DO PROJETO PROEB – PROJETO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO INSTITUTO FILADÉLFIA

*Emilio Giachini Neto<sup>1</sup>*  
*Marta Regina Furlan de Oliveira<sup>2</sup>*  
*Márcia Luciene Goretti Tresse<sup>3</sup>*  
*Maria Angélica Pedrotti<sup>4</sup>*

## RESUMO

Este artigo tem como interesse a divulgação de uma técnica de produção textual a partir da utilização de imagens. Em outras palavras, um caminho simbólico que parte da linguagem analógica em direção à linguagem digital. O uso de imagens como forma de estimular a produção de textos é um recurso comum, mas nem sempre utilizado por professores da Educação Infantil e Anos Iniciais. A atividade em questão é fruto das pesquisas e práticas dos professores e alunos que compõem o Projeto PROEB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção Textual; Linguagem Analógica e Digital; Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos.

## ABSTRACT

This article intends to divulge a technique of text production from the utilization of images. In other words, a symbolical way which starts from the analog language and moves to the digital language. The use of images as a way of stimulating the production of texts is a common resource, but not always used by teachers of child education and primary education. The activity under study results from the research and practices of the teachers that make up the PROEB Project.

**KEYWORDS:** Text production, analog and digital language, education and teaching of youngsters and adults.

## Introdução

“Quando criança, me soprou no ouvido um motorista, ‘que os bons não se curvam’”<sup>5</sup>

Quando criança, ouvi falar na tal máquina de contar histórias, um assombro, um mistério que durou alguns dias até que, finalmente, chegou o dia da atividade/brincadeira. Decepção: a máquina, na realidade, não existia. Pelo menos não da maneira como eu a imaginava, de pôr na tomada, como aspirador de pó ou liquidificador.

1 Docente dos Cursos de Pedagogia, Secretariado, Turismo e Enfermagem da UniFil. Coordenador do PROEB – Projeto de Educação Básica do Instituto Filadélfia.

2 Docente e Coordenadora do Curso de Pedagogia da UniFil. Professora de Metodologia do Ensino do Português na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Coordenadora do Projeto PROEB.

3 Acadêmica (na ocasião desta pesquisa) do 3º ano do Curso de Pedagogia da UniFil / professora do Projeto PROEB.

4 Acadêmica (na ocasião desta pesquisa) do 2º ano do Curso de Pedagogia da UniFil / professora do Projeto PROEB.

5 Poema/canção de Wally Salomão e Adriana Calcanhoto. (CD Marítimo).

Quando professor do Curso de Pedagogia, fazendo parte de um grupo chamado PROEB – Projeto de Educação Básica do Instituto Filadélfia, lembrei-me daquela estranha e tal máquina de contar histórias – que nunca saiu de minha cabeça e foi responsável, isso é verdade, pelas mais belas histórias que vivi.

O PROEB é um Projeto de Extensão do Centro Universitário Filadélfia que atende um grupo de nove alunos de primeira a quarta série do Ensino Fundamental (funcionários da Instituição que não realizaram os estudos em tempo regular) desde agosto de 2004. Os alunos do PROEB são atendidos duas vezes por semana, durante uma hora e meia em cada encontro, por acadêmicas do Curso de Pedagogia que se interessam pela aquisição da escrita e da leitura. Essas universitárias recebem a orientação pedagógica necessária para atuarem em sala-de-aula com Educação de Jovens e Adultos – EJA. Quando os alunos estiverem capacitados, serão encaminhados ao CEEBJA – Centro Estadual de Educação Básica Para Jovens e Adultos – para avaliação.

Objetivos do Projeto PROEB:

- Desenvolver a capacidade de comunicação verbal nos sujeitos não-alfabetizados ou semi-alfabetizados, bem como o repertório lingüístico e as habilidades lingüísticas em adultos que não têm acesso ao código verbal;
- Possibilitar, não apenas o uso utilitário da linguagem verbal, mas também a apreciação (estética) artística que o acesso ao código proporciona – e o crescimento pessoal – do sujeito em processo de alfabetização;
- Propiciar aos alunos em alfabetização a possibilidade de ingressarem em outras funções no mercado de trabalho, funções estas que necessitam, não apenas da força braçal, mas utilizam as faculdades cognitivas como força motriz que impulsiona o trabalho;
- Capacitar, não apenas a Licenciatura da Pedagogia, mas criar pesquisadores e, concomitantemente, proporcionar às pesquisas já existentes na área de ensino e educação, um estudo pragmático que fomentará a formação de novos professores e educadores capacitados para atuarem na sala-de-aula com a alfabetização e com a produção simbólica dos alunos.

Materiais

- cartolina ou papel cartão;
- cola; tesoura (opcional);
- revistas, panfletos, propagandas com ofertas de supermercados (enfim, materiais diversos que podem ser considerados boas fontes iconográficas – e que possam ser recortadas, é claro);
- muita imaginação e... fosfato.

Manual de Instrução

- 1) Pegue a cartolina, ou o papel cartão (pode ser colorido, ou não) e corte quadrados ou retângulos, um pouco maiores do que uma carta de baralho;
- 2) Encontre imagens interessantes e sugestivas (imagens de lugares, pessoas, objetos, animais, alimentos, etc.). Recorte-as e cole cada uma delas em um pedaço de cartolina;
- 3) Cada aluno terá, no final desta atividade lúdica, um baralho de imagens. É interessante que cada aluno produza seis cartas ou mais, assim, terá bastante opção – figuras que farão parte de sua narrativa.

4) O aluno poderá dispor aleatoriamente as cartas e ir, aos poucos, introduzindo as figuras das cartas em sua história. Ou então pode criar uma seqüência de imagens – como uma história em quadrinhos – e depois escrever sua narrativa. Os alunos podem, também, trocar de cartas, ampliando suas narrativas e fazendo diálogo (intertextualidade, dialogismo) com histórias outras, de seus colegas, constituindo o movimento criador desta máquina de contar histórias que, na verdade, é um exercício/tentativa de estimular a imaginação e gerar criatividade.

Ao inventar e escrever histórias a partir de imagens, o aluno está em contato com vários processos de codificação e decodificação: primeiro, observa imagens, treina o olhar, a atenção. “Paisagem é hábito visual, só começa a existir depois de 1.500 olhares.” Depois, cria uma narrativa de imagens (pensamento a partir do código analógico) e, então, transfere (transcreve) a história formada de imagens para uma outra história formada por palavras. Uma longa travessia da linguagem analógica em direção à linguagem digital, assim como foi longa a transformação dos pictogramas rupestres, passando pelas formas ideogramáticas até originar nosso alfabeto moderno – vinte e seis letras, símbolos que, combinados, tentam expressar o tudo que existe.

### Os subjetivos processos de criação

Apresentaremos as imagens escolhidas pela aluna Rita e, após as imagens, o texto escrito – ou gerado – a partir da “Máquina de Criar Histórias”.





76

Pita 17-3-2005  
Lula foi tirar umas férias, ele foi  
conhecer o Amazonas. E o primeiro  
animal que ele encontrou foi um  
macaco. Quando o macaco viu  
o relógio no braço do Lula, ele  
pegou e saiu correndo, <sup>de</sup> ~~de~~  
pente o macaco encontrou um  
casal, ele se assustou e <sup>chegou</sup> ~~chegou~~  
o relógio, o casal pegou o relógio  
entregou, <sup>dominaram</sup> ~~dominaram~~  
o Lula com um lindíssimo  
quadro, que eles <sup>havia</sup> ~~havia~~ compra-  
do em uma exposição. Lula  
e o casal saiu andando em  
uma estrada e avistaram  
uma multidão de gente, era inva-  
sões de terra. O Lula foi  
<sup>convencido</sup> ~~convencido~~ com eles para <sup>ajudar</sup> ~~ajudar~~  
~~o~~ o que ia fazer.

## Transcrição

Lula foi tirar umas férias. Ele foi conhecer a Amazônia. O primeiro animal que ele encontrou foi um macaco. Quando o macaco viu o relógio no braço do Lula, ele pegou e saiu correndo. De repente, o macaco encontrou um casal, assustou-se e jogou o relógio. O casal pegou o relógio e entregou-o ao Lula. [O casal homenageou Lula com um lindíssimo quadro que eles haviam comprado em uma exposição]. Lula e o casal saíram andando em uma estrada e avistaram uma multidão – eram invasores do Movimento Sem Terra. Lula foi conversar com eles para resolver o que iriam fazer.

## Um pouco de teoria, mas sem chateação<sup>6</sup>

Teoria boa, digo sempre aos meus alunos, é teoria que se confunde com poesia, quando lida. Por isso gosto de ler Ítalo Calvino e Octavio Paz. Quem já leu *Cidades Invisíveis*, do primeiro, e o poema *Blanco*, do segundo, sabe do que falo. Poetas e escritores transferem parte da sensibilidade poética para as páginas teóricas que produzem; por isso os recomendo para meus alunos lerem.

Tentaremos, aqui, teorizar nosso interesse em trabalhar com imagens como forma de sensibilizar e estimular a alfabetização e a educação de adultos.

O escritor italiano Ítalo Calvino acredita que podemos distinguir dois tipos distintos de processos imaginativos. Pelo menos dois, eu acrescentaria. O primeiro, segundo ele, é “o que parte da palavra para chegar à imagem visiva”, e o segundo, então, “parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal” (CALVINO, 1990, p.99)

Pensando nesses termos, quando o poeta inspira-se em uma imagem do mundo real para a criação de sua obra, temos, no mínimo, dois processos de tradução intersemiótica envolvidos na codificação e decodificação do código usado: a primeira operação consiste em traduzir a imagem que inspirou o poeta em palavras; a segunda operação é contrária, afinal, as palavras são, depois, lidas, e nesse processo são transformadas novamente em imagens mentais. Esta é a vida útil do processo de decodificação da criação simbólica.

E o pintor? Quando parte do real, quer transformar imagem em imagem? Observemos que, no caso do poeta, a imagem inicial (que serviu de inspiração) nem sempre corresponderá à imagem final (a leitura do referente sótico). Há uma perda considerável devido ao ruído existente no momento destas traduções. Há, de fato, pequenas configurações que diferenciam e particularizam a natureza de cada uma das linguagens, ou seja, dos códigos. Basta reconhecermos sua deficiência e sua potencialidade para que possamos aperfeiçoar nosso complexo sistema de produção, armazenamento e comunicação lingüística e visual.

Alguns escritores, como Calvino, se mostram interessados neste fazer-pensar da imagem, embora trabalhem com o código lingüístico. Isso, logicamente, ratifica o diálogo imagem-palavra como combinação para criações simbólicas literárias por contistas, poetas e romancistas:

<sup>6</sup> A fundamentação teórica deste artigo faz parte da dissertação de mestrado “Poéticas Verbais e Visuais de Crianças Assentadas” (Emilio Giachini Neto CNPQ/UEL – 2004), compondo o subcapítulo denominado “A Imagem”.

Quando comecei a escrever histórias fantásticas, ainda não me colocava problemas teóricos; a única coisa de que estava seguro era que na origem de cada um de meus contos havia uma imagem visual. Por exemplo, uma dessas imagens era a de um homem cortado em duas metades que continuava a viver independentemente; outro exemplo poderia ser a do rapaz que trepa numa árvore e depois vai passando de uma a outra sem nunca mais tocar os pés no chão [...] A primeira coisa que me vem à mente na idealização de um conto é, pois, uma imagem que, por razão qualquer, apresenta-se a mim carregada de significado, mesmo que eu não o saiba formular em termos discursivos ou conceituais (CALVINO, 1990, p.104).

Assim como sabe da importância da imagem para a construção simbólica – mesmo que escrita – Calvino elegeu em sua lista de valores que devem ser preservados a Visibilidade. Uma das mudanças mais notáveis em relação ao homem e ao código imagístico, e também verbal, mudança esta discutida por Calvino, é o fato de sermos, nos dias de hoje, bombardeados por grande quantidade de imagens que “depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo.” (CALVINO, 1990, p.107). O escritor acredita, por isso, que caminhamos para o perigo de perdermos nossa capacidade visual, sufocada por um entulho de imagens – uma visão apocalíptica da imagem nos tempos modernos, debatendo-se entre a arte e os valores de mercado.

Calvino nos conta sobre um método de criação literária com base na iconografia, histórias extraídas das figuras das cartas de tarô. As figuras eram interpretadas e reinterpretadas por diversas vezes para se transformarem em personagens. Cada um de seus personagens, antes de se configurarem em uma nova obra, já existiam, já atuavam anteriormente, seja em suas significações da carta do tarô ou das pinturas de Carpaccio. Se a literatura é um terreno intertextual por excelência, ligado por pontes e infinitas possibilidades de diálogos com outros textos, a própria composição da personagem, para Calvino, parte do diálogo, um diálogo feito de imagens e suas pré-significações.

A maneira como Calvino pensa a construção de um personagem contribui para a idéia de que uma possibilidade virtual e crescente de imagens – e significados – habita toda escritura, principalmente a poesia, ou conforme Octavio Paz, “Cada imagem – ou cada poema composto de imagens – contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los.” (PAZ, 1990, p.38).

Paz, além de teórico e estudioso das questões da linguagem, é um escritor. Por isso as certezas e os detalhes de como vê e entende o processo de criação simbólico que passa, necessariamente, pela imagem, como Calvino. Paz acredita que oriente e ocidente conservam traços que particularizam como essas culturas compreendem a imagem – e, conseqüentemente, todo o processo de construção simbólica: a concepção ocidental, apoiada em Parmênides, aponta para uma escolha entre os opostos, ou entre o isso e o aquilo, o que diferencia-se da tradição oriental, onde isso e aquilo convivem, havendo, também, a possibilidade dos opostos coexistindo. (PAZ, 1990, p.41) A arte antiga, a arte oriental pensa progressivamente o diálogo dos códigos – a convivência de isso e aquilo. O que teria mudado tão bruscamente este processo no ocidente? Isso parece um grande simulacro do mundo, que também concilia opostos, ora isso, ora aquilo, como a cultura oriental e a ocidental, deus e não-deus, água e fogo. Ou, conforme Paz:

Pensar é respirar porque pensamento e vida não são universos separados e sim vasos comunicantes: isto é aquilo. A identidade última entre o homem e o mundo, a consciência e o ser, o ser e a existência, é a crença mais antiga do homem e a raiz da ciência e da religião, magia e poesia (PAZ, 1990, p.42).

Em outro momento, Paz acredita que a palavra, na prosa, sugere, enquanto no poema; a palavra carregada de imagem coloca-nos diante “de uma realidade concreta” (PAZ, 1990, p.47). O discurso verbal explica ele próprio de maneiras diferentes. É muito comum, em nosso discurso, colocarmos um quer dizer, ou seja, e explicamos de novo para que o enunciado se torne mais claro. Com a imagem isso não acontece: a imagem é a realidade concreta que as palavras tentam representar (ibidem). Trata-se da diferença do símbolo e do ícone; uma relação de terceiridade e primeiridade em relação ao objeto, conforme os peirceanos. Este caráter fluido da linguagem verbal é denominado por Paz de mobilidade e intermutabilidade: “Há muitas maneiras de dizer a mesma coisa em prosa; só existe uma em poesia. Não é a mesma coisa dizer “de desnuda que está brilla la estrella” e “la estrella brilla porque está desnuda” (PAZ, 1990, p.48).

### REFERÊNCIAS

GIACHINI NETO, Emilio. *Poéticas visuais e verbais de crianças assentadas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina - PR.

CALVINO, Italo. “Visibilidade”. In: *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PAZ, Octavio. “A Imagem.” In: *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus Editorial, 1982.